

Da utopia tecnocêntrica à utopia ecológica

Marcelo Pelizzoli

Resumo

Trata-se aqui de investigar a força da utopia tecnocêntrica no texto de F. Bacon, *New Atlantis*, de 1627; até que ponto estaria ali consubstanciada a motivação primeira do “paradigma cartesiano”, que culminará na idéia de progresso material/artificial ilimitado? Em seguida à carta de Bacon, contrapor uma carta escrita no espírito do tempo ecológico, de molde bioético, visando a sustentabilidade para além da utopia tecnocêntrica, em direção à utopia do possível, isto em vista da sobrevivência humana em tempos de crise socioambiental e de vazio ético.

Palavras-chave: Bacon, Utopia, Tecnociência, Paradigma Cartesiano, Progresso, Paradigma Ecológico.

A utopia tecnocêntrica na *Nova Atlântida* de F. Bacon

Está história Milorde concebeu-a com o propósito de apresentar um modelo ou a descrição de um colégio instituído para a apreensão da natureza e produção de grandes e maravilhosas obras... (W. Rawley – secretário de Bacon)

Considero *New Atlantis* uma das obras mais sintomáticas dentro da consolidação do grande paradigma epistemológico e civilizatório moderno da tecnociência, texto de Francis Bacon escrito em 1624 e publicado em 1627. Não propriamente por seu conteúdo filosófico ou científico, até porque ela tem um tom literário marcante, mas pelo espírito do tempo revolucionário que toma conta da civilização técnica e da vindoura idéia de progresso que representa. Parece ser uma simples carta, trazendo uma novela imaginária, mas torna-se algo revelador. Ali, no fundo, Bacon pode aventar as possibilidades fantásticas do seu método indutivo experimental da ciência nascedoura.

Ela está na linha dos utopistas, certamente, como *Cidade de Deus* de Agostinho, ou um Tomás Morus (Thomas More, 1478-1535), com sua bela *Utopia*; mas me parece bem mais significativa, em vista de nosso imaginário científico futurista da cultura atual, e do próprio anseio do homem ocidental de tomar o lugar de Deus. Na verdade, *Nova Atlântida* quebra o mundo medieval no meio, destrói seu Cosmos e seus pudores, ou seja, um mundo de inserção orgânica e coletiva. Estamos colhendo os efeitos dessa mudança e pagando até hoje; não que se deva voltar para trás, mas sim que a utopia científica propalada não se entende sem o seu oposto, devido a fatos como a grande crise ecológica e social atual, fruto direto da tecnociência e da industrialização do mundo ocidental.

Por conseguinte, podemos perfilar aqui, a título de contraposição, certas *distopias*² - como que utopias negativas

– tais como *Laranja Mecânica*, de Anthony Burgess (1962), levada com S. Kubrick ao cinema; ou antes, *A máquina do Tempo*, de H.G. Wells (1895). Esta obra crítica brilhante, de 1895, faz uma sátira social da sociedade (britânica), estruturada em duas classes sociais; Wells, para além de Julio Verne (1828-1905)³, descreve uma visão, num futuro remoto, de uma classe alta que vive ao Sol, formada de aristocratas que nada faziam, e que teria chegado ao máximo de exaustão cultural. Há também a classe baixa, literalmente baixa, pois vive no submundo e chega ao derradeiro grau de degradação humana. Os de baixo começaram a querer ocupar os espaços de cima (conhecemos bem essa história não?). Temos ainda “1984”, de Eric Arthur Blair (“George Orwell”, 1948), que também fala de um tipo de Estado, mas não ideal; ou ainda *Fahrenheit 451* (de Ray Bradbury, 1953) e a atualíssima obra *Admirável Mundo Novo*, que Aldous Huxley idealizou, em 1931. Esta última é uma “fábula” futurista de uma sociedade completamente organizada, sob um sistema científico de castas, onde a vontade livre fora abolida por meio de um condicionamento metódico, a servidão tornou-se aceitável mediante doses regulares de felicidade quimicamente transmitida pelo “Soma” (a droga liberada do futuro), e onde as ortodoxias e ideologias eram “propagandeadas” em cursos noturnos ministrados durante o sono. Incrível previsão das sociedades drogadas de hoje⁴. Certamente devemos pôr na discussão os imaginários futuristas tecnocêntricos e muitas vezes catastróficos do cinema de Hollywood; menção à parte merece - no nível crítico e de alerta das distopias - o grande filme *Matrix*,

³ Note-se que J. Verne é, em grande parte, muito mais um utopista positivo, ingênuo até nas suas elaborações e crenças no futuro evoluído. Note-se que o séc. XIX é o século base da crença evolucionista. É apenas no final de sua vida que percebe a armadilha que é o otimismo tecnológico, e passa a criticar o poder. Veja-se quanto a isso sua obra *Robur, o conquistador*, 1880, e bem mais a sua obra visionária obra *Paris no século XXI*, publicada apenas em 1994, por ser taxada de pessimista demais à época.

⁴ Além das drogas como tal, drogada em comidas e bebidas de todo tipo, em poder, dinheiro, sexo, sucesso, automóveis, jóias etc. etc. etc.

1 Departamento de Filosofia, CFCH. Universidade Federal de Pernambuco, Av. Acadêmico Helio Ramos s/n., 50670-901 Recife PE, Brasil. opelicano@ig.com.br.

2 Distopias são em geral utopias negativas.

uma obra prima retomando temas como a *Caverna* de Platão, ou *O Ensaio sobre a Cegueira*, de Saramago, ou ainda *Simulacros e Simulações* de Baudrillard. Em todo caso, veja-se que, ao contrário das utopias ainda felizes, como a do próprio F. Bacon, em Hollywood se apresenta em geral uma descaracterização completa do homem e da natureza, na medida em que não se vê animalidade (e também poucos animais), o homem perde muito de sua mundanidade, sua historicidade, e igualmente quase desaparece a natureza natural. Tudo é *artificial* demais. Vemos tal palavra enfaticamente em *Nova Atlântida* de Bacon. Tal motivação está consubstanciada dentro da configuração política contemporânea.

Podemos entender melhor sua proposta investigando a linha de pesquisa de Descartes e Galileu, no contexto de propagação do *paradigma cartesiano*⁵ - que postula como base e motivação primeira da Nova Ciência a possibilidade concreta de dominação da natureza. Como? Via relação separativa e causal-linear *Sujeito X Objeto*, pela superação dos saberes tradicionais e em suma pelo olhar *objetificador*⁶. Com o domínio da linguagem matemática e da experimentação – carreadas pelo Método Científico – seremos “senhores e possuidores da natureza”, pois a mesma está “escrita em linguagem matemática”, e basta-nos o procedimento matemático e experimental para que nos apossamos dos seus segredos. A natureza é como uma serva, ou ainda, como uma bruxa na inquisição, que deve ser açoitada e obrigada a entregar seus segredos, nas palavras de Bacon. Na esteira de Descartes, Bacon buscará derrubar os saberes antigos através da quebra do que chama *ídolos* e por seu método⁷.

A virada da cosmologia clássica para o mundo geométrico friamente objetivo e apavorante, com diz Pascal, é a virada para a epistemologia moderna, cartesiana em especial, que compõe a maior revolução que a humanidade passou. Suas conquistas e glórias são até hoje alardeadas, em nome do crescimento econômico e da sofisticação da sociedade de consumo. Porém, suas marcas negativas emergem com toda força na era da crise ecológica e da tecnociência objetificadora na sociedade de Massa – Indústria cultural. Não obstante, é

5 Compreenda-se cartesiano ou cartesianismo não a filosofia de Descartes como tal, mas um modelo de procedimento relativo à validação do saber nos termos científicos marcados pela epistemologia cartesiana: ou seja, reducionista, dicotômica, objetificadora, fragmentária, que abandona a tradição, o todo, a complexidade, a intuição e muito mais. Para tal cf. nossas obras: *Bioética* como novo paradigma e tb. *Correntes da ética ambiental*, ed. Vozes.

6 Termo que remeto a Heidegger e a Gadamer, semelhante ao conceito de razão instrumental, já da Escola de Frankfurt.

7 Tal método tem como fim constituir uma nova maneira de investigar e captar os fenômenos naturais. Para Bacon, a descoberta de fatos verdadeiros não depende do raciocínio silogístico aristotélico, mas sim da observação e da experimentação regulada pelo *raciocínio indutivo*. O conhecimento verdadeiro é resultado da concordância e da variação dos fenômenos que, se devidamente capturados, apresentam a causa real dos fenômenos. A realidade pode ser explicada...

o estatuto epistemológico das ciências naturais pautadas na objetividade a todo custo - mas ao mesmo tempo na redução do espectro de considerações de seu “objeto” - que dará condições para que uma Revolução Industrial venha a materializar muito do sonho e do pesadelo da humanidade moderna e contemporânea. A carta-novela de Bacon é deveras sintomática. Ela introduz revolucionariamente a noção nunca antes enfatizada de *progresso*, e de progresso material ilimitado. Tal idéia-motivação começa a dizer que tudo o que a humanidade produziu no passado é primitivo, e estamos numa marcha evolutiva científica e industrial que a tudo justifica, como bem podemos ver, levado às últimas conseqüências, no positivismo e nas legitimações do primeiro e muito selvagem capitalismo. Tecnociência e política pública – por sua vez cada vez mais determinada pela iniciativa privada – encontram-se numa relação direta. E eis que surge a questão: que visão de mundo está impressa dentro de nossa política social ainda hoje? Qual os rumos que está tomando a globalização econômica?

Vamos agora, sem mais delongas, deixar o próprio texto de Bacon falar por si, no momento em que surge o discurso do Padre da Casa de Salomão, num tom solene: “vou oferecer a jóia mais preciosa que possuo...vou fazer-vos uma revelação da verdadeira organização da Casa de Salomão...”. A revelação dirá respeito aos feitos científicos inimagináveis que existem na Nova Atlântida, uma verdadeira Utopia da transformação da ordem natural das coisas em nome do melhorismo técnico. “Temos fossas cavadas em diversos tipos de terreno, onde colocamos os mais diversos tipos de cimento, como aqueles que os chineses fazem a porcelana. E ainda uma extensa variedade de compostos de terra e adubos para tornar a terra mais fértil” (p.263)⁸. É o elogio da transformação absoluta da natureza bruta em manufaturas; repare sempre a ênfase na palavra *artificial*, trata-se de uma grande transformação vindoura, já do tempo da construção de uma segunda natureza, em oposição ao natural, o que equivale a dizer uma outra cultura, em oposição àquela que está eminentemente ligada aos processos orgânicos, rurais, primevos e brandos do Mundo da Vida.

“Temos altíssimas torres, a mais alta medindo cerca de meia milha; algumas delas se erguem sobre montanhas. Tais torres, conforme sua altura e posição, servem para os experimentos de isolamento, refrigeração e conservação, e para as observações atmosféricas... (...) Temos também tanques, onde se extrai a água pura da água salgada, e outros, em que artificialmente se transforma a água doce em salgada. Temos rochas no meio do oceano e enseadas para as operações que exigem o ar e os vapores do mar. Temos igualmente violentas correntes e cataratas, do que nos servimos para a produção de movimentos vigorosos, e igualmente temos máquinas para multiplicar e intensificar a força dos ventos, dirigindo-a para outros movimentos. (...) Temos também um certo número de poços e fontes artificiais construídos por imitação dos mananciais, que contêm, diluídos, nítrolo, enxofre, aço, chumbo, salitre e outros minerais.” (p. 264)

8 Esses números são das páginas da versão brasileira da obra editada pela Coleção Os Pensadores, da Abril.

Se Bacon conhecesse o atual estado das chuvas ácidas, ou das secas ou enchentes, frutos de alterações de ecossistemas, micro-climas e poluição, de fato se surpreenderia, mas negativamente, o que não era o caso no momento histórico em pauta. “Temos, ainda, casas grandes e espaçosas. Onde imitamos e reproduzimos os fenômenos meteorológicos, como a neve, o granizo, a chuva e algumas chuvas artificiais de substâncias diferentes da água, trovões, relâmpagos, bem como criações de rãs, moscas e outros pequenos animais”. (p.264)

A manipulação genética parece estar prevista e, portanto, a transgenia. Bacon imaginava aonde chegaríamos, mas não cogitou os impactos disso – na cultura, na saúde e nos ecossistemas. Podemos dizer que não era o momento, mas isso não é suficiente. Tudo caminhava para legitimar a modificação artificial como a melhor e mais perfeita forma de vida. O que se perceberá é uma verdadeira ideologia do **melhorismo** reconstrutivo dos “erros e imperfeições” da natureza, uma verdadeira não aceitação das lógicas complexas da vida e dos limites sábios da natureza e do homem. Novamente, um impactante golpe no Mundo da Vida e nos seus saberes antigos, em geral sustentáveis.

“Temos igualmente vários e amplos pomares e jardins, em que não observamos a beleza, mas a diversidade do terreno e do solo... Aí é realizada toda sorte de enxertos e inseminações, e obtemos muitos resultados. Nesses mesmos jardins e pomares fazemos artificialmente plantas e flores antes ou depois da estação própria, bem como fazemos crescer mais rapidamente que no curso normal. Ainda, por meios artificiais, tornamo-las maiores que o normal e tornamos os frutos maiores e mais doces e diferentes, no gosto, no aroma, na cor e forma do produto natural.” (p.264)

Percebemos no texto o clima de legitimação da quebra da inserção no cosmos e da sacralidade das criaturas, mas também do corpo. O homem, de posse da ciência experimental, torna-se o novo Deus. Logo em seguida a Bacon surgirá, por exemplo, o modelo de medicina que romperá com os interditos do corpo e invadirá todos os seus espaços físicos. A secção de cadáveres se inicia. Busca-se o objetivo matemático por trás da determinação de objeto da experimentação, na ordem restrita da causalidade material, químico-física. Estamos na época da metáfora do relógio e da natureza como engrenagens de uma máquina imensa, bastando pois usar a ciência para produzir imensos aparatos técnicos futuros.

“Temos também meios de fazer nascer diversas plantas sem sementes, tão somente pela mistura de terras e, igualmente, de criar diversas plantas novas, diferentes das comuns, e ainda de transformar árvores e plantas em espécies diferentes.” (...) “Temos ainda parques e cercados de todo tipo para animais e pássaros, que não servem somente para beleza ou raridade, mas também para experimentos de dissecação, pelos quais procuramos esclarecer

tudo o que pode ser feito no corpo humano. Nesse terreno colhemos extraordinários resultados, como a continuação da vida, quando diversos órgãos que já considerais vitais já estão mortos ou amputados, a ressurreição dos corpos aparentemente mortos e coisas semelhantes. Neles também experimentamos todos os venenos e outras medicinas, tanto por via cirúrgica quanto médica. Conseguimos artificialmente torná-los mais fortes e mais altos que o normal da espécie e também o contrário. Fazemo-los mais fecundos e prolíferos que o normal ou, ao contrário, estéreis e infecundos. Podemos mudar-lhes a cor, a forma, a atividade, de muitas maneiras. Conseguimos obter numerosas espécies de serpentes, vermes, moscas, peixes, de substâncias em putrefação; e alguns desses animais chegaram a ser criaturas perfeitas como os animais ou os pássaros, providos de sexo e capazes de se propagarem. E o que conseguimos não ocorre por acaso, já que sabemos com antecedência que espécie de criatura nascerá de cada substância ou cruzamento.” (p.264-265)

“Não quero alongar-me falando muito de nossas fábricas de cerveja, dos fornos e das cozinhas, onde são fabricados pães, bebidas, manjares raros e de efeitos especiais. ... algumas delas são, ao mesmo tempo, alimentos e bebidas, e apropriadas a pessoas que na velhice desejam viver exclusivamente delas...” (p.265)

“Possuímos medicinas em vários graus de elaboração e algumas de muito demorada fermentação... onde foram empregadas formas muito precisas de combinação, a ponto de as substâncias se incorporarem, como se fossem substâncias simples por natureza.” (p.266)

Estamos em pleno florescer do mecanicismo, quebrando as perspectivas vitalistas e animistas. E, como não poderia deixar de ser, como que numa conseqüência direta do desenvolvimento técnico, acompanha o desenvolvimento bélico. O autor é enfático nesse sentido. A importância da ciência para o desenvolvimento bélico. *Saber é Poder*, frase famosa de Bacon; aqui, o lema chega ao seu extremo.

“Temos também casas de máquinas onde são preparados os instrumentos e as máquinas para todo tipo de movimento. Aí fazemos experimentos para reproduzir e tornar mais velozes aqueles movimentos que tendes, mesmo aquele produzido pelo mosquete ou por outra máquina vossa, e para torná-los mais ágeis e multiplicá-los...; para torná-los mais fortes e mais violentos que os vossos e superiores até àqueles dos vossos mais possantes canhões e balísticos. Fabricamos ainda armas de fogo, instrumentos de guerra e máquinas de todos os tipos e novas misturas e composições de pólvora, de fogo grego, que queimam na água e que não se consegue extinguir. (...) Temos diversos relógios extraordinários e outros movimentos semelhantes de retrocesso e perpétuos. Imitamos ainda os movimentos das criaturas vivas... temos ainda um grande número de movimentos, admiráveis pela regularidade, pela perfeição e sutileza.” (p.268-269)

Por fim, como que predizendo a sociedade da diversão alienante, Bacon reconhece o lugar da diversão neste mundo tecnificado: “Temos ainda casas de ilusões dos sentidos, onde executamos todas as espécies de jogos de prestidigitação, falsas aparências, imposturas, ilusões e falácias.” (p.269). Realmente, vivemos hoje numa *Matrix* controladora, que entra em nossas mentes; ficamos amortecidos por aquilo que acreditamos que seja real, mas não é. Precisamos despertar.

Nova Atlântida de Bacon representa não apenas o abandono do ideário religioso da *nova Jerusalém* que começa a desmoronar depois da Idade Média, mas, mais profundamente, a sua incorporação dentro da perspectiva salvífica do melhorismo técnico absoluto - impresso no ideário do progresso material ilimitado. O advento e consolidação do capitalismo e do liberalismo não se entendem sem essa motivação, que começa a habitar profundamente o *ego* ocidental: a possibilidade efetiva de tomar o lugar das determinações externas – a natureza selvagem e misteriosa, de um lado, e o controle simbólico último de Deus como fundamento do sentido da vida (e portanto do conhecimento), de outro. Em vários momentos as elites ocidentais convenceram-se, a elas e às suas comunidades, de que teríamos o céu na terra através da tecnociência e do progresso – calçada na idéia contraditória e destrutiva de crescimento econômico/capital. Não obstante, os acontecimentos traumáticos, sejam eles guerras, crise de valores, profunda mudança cultural, corrupção, mas mais intensamente a crise ecológica em todos os âmbitos de nossa vida e a crise social crescente, de igual ou maior monta, produzem uma descrença neste modelo cego e perigoso. Não é por falta de crescimento que estamos assim, mas justamente pela sua rápida implementação. Incrível é viver a contradição de um modelo civilizatório que não pode ser universalizável, pois não foi feito para isso; daí vivermos num intenso *apartheid* socioambiental⁹. Uma política que não vai a estas raízes, não pode ser chamada de uma política social, ou mesmo de política no sentido original.

Não podemos mais viver como se fôssemos a última geração do planeta, já dizia J. Lutzemberger¹⁰. Ao lado de magnífico “avanço” técnico e econômico de uma minoria, temos um imenso vazio existencial, ético, cultural, numa sociedade de consumo que a tudo volatiliza, desde que progrida, ou seja, produza e venda. Hans Jonas é um bom filósofo atual para mostrar esse estado de coisas, fazendo a ligação inevitável com as futuras gerações. E é nesse momento de vazio ético que surgem as tarefas mais

urgentes da cultura e dos intelectuais: contrapor-se dentro do modelo vigente, em cada microfísica de poder, e ao mesmo tempo criar laços de solidariedade e organização em torno das propostas para um outro mundo possível em nível local. É o grande desafio político do momento. É nesse sentido, de uma utopia realizável, neste momento crucial da humanidade, que apresentamos uma carta para a possibilidade de existência factível da nova geração, agora sustentável.

A nova geração sustentável¹¹

“Carta à filha de minha neta” - *Um outro mundo é possível...*

“Querida Sofia. Agradeço à vida por ter esse dom esporádico de poder olhar pela fechadura do tempo e ver um pouco do futuro, a partir das coisas ocultas no presente. Só assim pude escrever esta carta para você, conseguindo ler o passado no presente e o futuro interligado a estes. Fiquei realmente admirado em poder sentir um pouco de você, filha de minha neta, através do que vocês têm explicado aí como visão quântica da mente, nessa teia vital onde as ligações ultrapassam a localidade fragmentada e o tempo linear. Para nós, em 2007, isso ainda era uma coisa misteriosa demais, ou de cientistas meio complicados, de filósofos e místicos, ou então das videntes que consultávamos de vez em quando, com certo ar de surpresa. Estávamos no início da era da mente e das neurociências e do novo paradigma, a grande virada de consciência, da (des)sociedade industrial de consumo ilimitado para o novo tempo.

Vocês sabem aí bem o que foi a “era cartesiana”, e o modelo de biotecnologia e de biossocialização que se expandiu, mas também foi sendo desmascarada; é um pouco a história de uma cidade que vira uma montanha de lixo. Que bom que há um novo renascimento cultural e a ciência sistêmica e sustentável da humanidade cresce de fato, incorporando grandes saberes e tradições do passado, indo além da mera aplicação de técnicas e interesses econômicos lamentáveis que penetraram na nossa vida e na nossa mente. Moça, talvez tudo seja como um castelo de areia: afinal de contas, o que é que não muda? Você sabe disso pelo estudo da história e principalmente de como se deu as décadas da **crise** - da qual vocês estão ainda se reerguendo. Mas nós que vivemos naquele período dos primeiros anos do novo século XXI, travamos uma luta dolorida, e tivemos infelizmente o desprazer de contribuir para muitas catástrofes em cada ação que fazíamos ou produto que usávamos e não tínhamos coragem de mudar;

9 Se todos os chineses passassem a ler um jornal como Folha de SP por dia, acabaria o papel disponível do planeta em dois meses. Se todos os humanos tivessem um padrão de vida como um europeu médio, precisaríamos 23 vezes mais energia no planeta. Se houvessem mais três países como os EUA, dobraria a poluição do mundo em 100%. Um pouco mais de automóveis nas ruas de nossa cidade, e já não trafegaríamos mais.

10 Em sua bela obra *Manifesto Ecológico Brasileiro*, de 1978.

11 Prof. Marcelo Pelizzoli (opelicano@gmail.com). Inspirada no olhar viceral de minha filha de dois anos, Sofia, e em resposta à reveladora carta tecnocêntrica Nova Atlântida (1627), de Francis Bacon; resposta dentro do novo paradigma ecológico-ético e planetário, para além das utopias e das distopias, trata-se de como vamos construir nosso mundo desde agora.

mas também, por outro lado, começamos a contribuir para a visão ecológica e humanista, que você minha bis-neta está começando a viver. Como foi isso?

É uma longa história. É a história de um paradigma ou padrão cheio de fascínios e perigos, e de um modo de olhar o mundo que estava contaminado com nossos medos e desejos, o olhar e o mundo contaminados, de modo que agíamos mental e emocionalmente enraizados numa cultura predominantemente destrutiva, que inclusive comprava a cada momento nossos melhores cérebros, e por vezes até a alma e o coração de alguns. O filme *Matrix*, que deixei para sua avó, mostra um pouco dessa metáfora, de como nós fomos ficando cegos de tanto brilho, de tanto fascínio com as coisas que iam sendo transformadas velozmente, uma avalanche de consumos e meios artificiais, de mediações de mediações que nos impediam cada vez mais de viver o presente. Querida, nós ficamos cegos e obsessivos, ansiosos e deprimidos e solitários, e com uma produção vertiginosa de desejos, com a idéia de que deveríamos a cada momento renovar, trocar de produto, descartar e corrigir a natureza humana e não humana. Era a chamada cultura de **progresso material** ilimitado e tecnocentrismo, cultura do melhorismo artificial, os primeiros passos da biotecnologia cartesiana, quando tentamos decifrar (e até eliminar!) todo poder e auto-organização da natureza e do corpo, e ter um controle matemático-físico sobre a própria mente, sobre o nosso próprio inconsciente, aquilo que nos resguarda como seres humanos, ambíguos e abertos, complexos no entendimento mas simples para viver a vida. Graças a muita luta e sofrimento, a grandes choques que algumas pessoas desta geração tiveram que assumir já no século XX, vocês estão conseguindo aí contornar esse padrão, e unir o passado com técnicas sustentáveis cientificamente, politicamente, economicamente, ou seja, o social e o ambiental. E acho incrível como vocês incorporaram o saber espiritual para além de qualquer religião; a verdadeira Ciência da Vida não pode mesmo se afastar disso.

Minha querida, apesar de ter entrado na humanidade na época do século XVII, a visão materialista e reducionista e fragmentária se cristalizou propriamente apenas no século XIX e XX. Havia um clima de positivismo, apoiado numa pretensa objetividade dos fatos - reforçado pelas técnicas que começavam a funcionar - e isso impressiona não é? - fatos e objetos isolados que poderiam ser manipuláveis até a essência (átomo, molécula, gen...), como peças de um automóvel. Ao mesmo tempo, um clima de mal estar, que nos levava também a um niilismo, a uma descrença na vida e no ser humano. Você deve estar rindo disso, mas era assim que funcionava, moça! O corpo era visto apenas por partes e de modo químico-físico-experimental, um pouco mais que uma máquina ou aglomerado de células e elementos químicos que deveriam ser consertados e trocados. As pessoas olhavam para os objetos como se

eles não dependessem do seu olhar, da sua mente. Fomos perdendo a idéia de Cosmos e Natureza, e a crença na vida natural. Os nossos filmes de futuro tinham um imaginário futurístico-tecnológico árido, seco, calculado e caótico ao mesmo tempo, mas profundamente mitológico, e onde não havia mais natureza humana ambígua e mundana, animal, ou espiritual, ou mesmo a natureza natural. Chegávamos ao absurdo de pensar em colonizar outros planetas porque o nosso poderia se tornar inviolável! Imagine você vivendo dentro de uma bolha artificial como um ET? Nossas angústias existenciais foram aumentando tanto - na medida do próprio fascínio tecnológico e transformação das cidades em consumo - tanto que começamos a imaginar seres vindo à Terra, ou que havia outros planetas com vida e que fariam algum contato. Inclusive lançamos foguetes contendo arte, feitos e obras humanas para que outros seres possam achar. Que louca e nostálgica angústia de evasão, não é mesmo minha filha? Parece que estávamos prevendo os momentos de catástrofes que estavam acontecendo aos poucos.

Mas, minha amada, nunca perdemos a fé no **amor**; amei você - acredite - nos olhos e no sorriso de sua avó, minha filha, que corria livre e espontânea sem saber o mundo que a esperava, sem saber quanta dor pairava no ar, quanto mentira e covardia, quanta falta de sensibilidade e quanto falta de inteligência em nome da crença nas máquinas e no mercado. Ela cutucava meu coração a cada palpitação, pois as crianças todas reluziam no brilho de seus olhos; a extrema fragilidade que vi em minha filha me evocava a nossa fragilidade, seres humanos e não-humanos, e vi como somos facilmente fascinados e vencidos pelo comodismo, pela auto-defesa, pela inércia e pela preguiça. Via ali o sofrimento das crianças do meu país; via ali sonhos lindos que mais tarde iriam se despedaçar em nome da competitividade, em nome da grande desordem da ordem burguesa vigente, em nome dos interesses de poucos e de um estilo de vida destrutivo, que "segurava as pontas" de um verdadeiro *apartheid* social. O olhar de Sofia me consumia por dentro, pois quanto mais eu estudava e pesquisava, mais se abriam coisas assustadoras na minha frente, e se tornava muito difícil convencer as pessoas e lutar dentro da *Matrix*, ou prisão, pois as vezes, era melhor fazer de conta que não enxergamos, e então dormir, dormir e... morrer aos poucos. Mas o choro, os gestos frágeis e tão humanos das crianças, como o olhar de Sofia, um apelo silencioso, uma extrema fraqueza na força humana, uma alegria na tristeza e uma confiança sincera e pueril no olhar e na palavra do pai e da mãe, e de cada pessoa que encontrava, tudo isso me fazia arder o coração. Quando eu a abraçava, sentia o palpitar de seu coração, e num sublime momento de êxtase e dor, eu sentia como se o seu sangue estivesse em todo lugar como a água do planeta, e como se os movimentos de sua respiração fossem todo o ar que nos envolve e penetra, e como se o

calor de seu corpo fosse o calor de todas as pessoas, e um pouquinho do Sol dentro da gente.

Sofia, tive que presenciar muita gente passando frio ou torrando ao sol pedindo esmolas ou vendendo pequenas coisas, enquanto “os de cima” andavam em carros importados com ar, se protegiam em apartamentos com vigias, cachorros, câmeras e grades sem fim, e armas; e iam do trabalho para casa e nos *shoppings* fechados no fim de semana: mesmo assim, eles não agüentavam muito, e as vezes iam a um parque aberto ou a uma praia com segurança semi-privada. Tive que presenciar o tempo de acumulação de dinheiro de uma forma absurda e completamente anti-ética, mas ao mesmo tempo tudo considerado legal! Acompanhei as privatizações e a desmontagem do poder regulador dos Estados, e como a Lei da produção e do Mercado acirraram todas as contradições e invadiram quase todos os espaços da natureza e do corpo, mercantilizando gens, ar, água, terras, idéias, e tudo o que se possa imaginar. E vi ainda como tudo isso levou à catástrofe, da violência social, da poluição química em todos os níveis, do uso da doença para lucrar e de medicações não para ir às causas e à cura, e quanto menos a prevenção, mas para manter as pessoas sempre com doenças. Mas nunca duvidei de que, onde surgem grandes doenças, surgem grandes curadores! Eis você aí ! Eis meus colegas de luta aqui, muitos deles sendo considerados radicais. Viva os radicais, filha !, pois eles têm raiz, eles sustentaram a seiva da vida futura, eles pensaram além de si mesmos, de seus corpos e egos e assumiram a dor e a energia do mundo e da verdadeira evolução.

Infelizmente, vi uma medicina baseada na evidência dos lucros farmacêuticos e de equipamentos e suprimentos, buscando desacreditar toda sabedoria e todas as práticas naturais e medicinas tradicionais, em nome de uma falsa cientificidade. Buscando tirar a autonomia de saúde que as pessoas e comunidades sempre tiveram o poder de desenvolver; buscando ver o corpo fragmentariamente e, mais absurdo ainda, menosprezando causalidades emocionais e psíquicas – mentais – das doenças. Vi o crescimento dos gastos e pesquisas com grandes doenças, que seriam curadas geneticamente, e que depois, você sabe, desembocaria num grande golpe econômico que privilegiaria alguns, uma verdadeira eugenia e algénia, e que para muitos traria efeitos teratogênicos, e engodos, em nome do lucro, pois logo em seguida começamos a lidar cientificamente com a complexidade e interdependência de fatores, e a visão começou a mudar e pudemos recuperar conjuntamente os saberes socioecológicos e a visão integral. Cheguei a ver coisas fantásticas na Saúde, que me marcaram muito, como estudar e conviver com medicinas e práticas tradicionais, e mesmo orientais, onde se evitava e curava doenças ditas incuráveis, mas ao mesmo tempo a luta com um modelo

biomédico que se armava contra tudo o que lhe ameaçava seu paradigma, suas técnicas e seus imensos capitais. Vi países serem enforcados economicamente por causa da medicina da doença e por condições de saneamento e ambientais precárias.

Vi as *universidades* terem suas pesquisas quase todas financiadas por grandes grupos econômicos de falsa ética, e reforçar uma tecnociência que visava a produção contínua de consumo e mediações artificiais infundáveis e não os modos de vida simples e sustentáveis; vi laboratórios financiando pesquisadores, e invadirem os consultórios médicos com fármacos novos, manuais, presentes e congressos, onde pensamentos diferentes, alternativos ou mesmo tradicionais custavam muito a penetrar. Era a época da imagem e do *marketing*. Você não imagina, mas havia uma infinidade de estratégias disso, acadêmicas ou fora da academia; havia uma avalanche de imagens e de simulacros tidos como reais, de modo que não tínhamos mais tempo para pensar, para sentar, meditar, para sentir o pulsar da vida e conversar, e até nos relacionarmos como pessoas.

O que mais me entristecia nesse momento? A hipocrisia; é ver como os discursos que eram feitos em nome da moral ou mesmo da bioética, eram na maioria das vezes inócuos, moralistas e faltavam proposições práticas efetivas, que fossem além das formações disciplinares e partidas, ou dos hábitos perniciosos da *Matrix* e do modelo de consumo da elite. Não conheciam realmente a própria contaminação do seu agir ou, se conheciam, não conseguiam dar passos significativos adiante, mudar o olhar e as práticas, ver de onde eles mesmos se erguiam e levantavam a voz, ver o próprio niilismo. Os melhoramentos empregados eram na maioria dos casos uma exigência de certificação e justificação aos novos procedimentos e invasões do *mundo da vida* e da cultura local com o poder das máfias mercantis. No início do século XX, acredite, estávamos num tempo ainda de grande conservadorismo e preconceitos, onde os desprovidos, os sem-terra, os transviados, os loucos, os radicais, os rebeldes, os questionadores, os desordeiros, os esquerdistas, os alternativos, tudo isso era sinônimo de ameaça; onde tudo era rotulado e assim colocado dentro de uma caixinha ou expulso da chamada vida econômica e do normal. Tempo de *normose*, a patologia sutil e gigantesca da falsa normalidade e ordem.

Querida menina, hoje percebo um pouco melhor o quanto a nossa corrida, não apenas a armamentista, mercadológica ou de competitividade, mas a nossa corrida do dia a dia, não tinha um rumo muito claro. É como o conto budista do cavalo corredor. “Um homem montado num cavalo passa correndo por outros e estes perguntam ao homem: para onde vai com tanta pressa, desse jeito louco? E o cavaleiro responde: por favor, pergunte ao cavalo!” É tragicômico, não é mesmo? Percebi o quanto se corre de si mesmo, o quanto se foge para mundos imaginários que

se materializam em técnicas sobre fantasias, os chamados objetos de desejo, e o quanto isso mesmo nos evita de estar presente em cada momento e em viver a vida com intensidade. Filha, não vivemos o **presente**, parece que estamos passando por ele; parece que precisamos passar por um grande choque ou parada forçada, como um ataque cardíaco, ou um câncer maligno, um aviso da natureza humana e do planeta, para que a gente pare, simplesmente pare, e faça cada coisa em seu tempo, e esteja presente em tudo, e veja até que ponto estamos presos e dormentes, até que ponto somos marionetes de demandas que não são saudáveis mental e biologicamente.

Eu não falo de esperança Sofia, comecei a olhar para mim e para o presente, como me concebo como ser humano e como concebo o outro. O Agora é o único que tenho, é o único que conta, sei que vocês dependem dele, do que acontece em cada segundo de nossa vida aqui.

Filha, comecei a recusar aos poucos a servir esse *Senhor maldito*. Não comprava mais venenos químicos, não comprava mais transgênicos, gordura *trans*; não comprava mais açúcar branqueado com clorados ou sulforados, não comprava mais excessos de embalagens; não comprava mais doces químicos e porcarias, como coca-cola, ou margarinas e todo um monte de merda legitimada pelos órgãos de proteção do consumidor idiotizado e dos lucros bestiais. Em todo caso, sempre fui feliz e nunca isso me escravizou, e encontrei nas comidas e coisas simples uma diversidade enorme e prazerosa, até numa boa bebida nordestina. Aprendi a fazer pão integral em casa, a comer coisas cruas cada vez mais, a comprar na feira ecológica e dos sem-terra, a economizar água e energia de todo tipo. Aprendi a comer de modo a evitar doenças; acima de tudo comecei a aprender a meditar e um mundo novo se abriu para mim, e estava ali, bem dentro de mim e no olhar das pessoas que, no fundo, são todas muito preciosas. E o que fazia não era só para minha sobrevivência e qualidade de vida de meus filhos, era a real efetivação de uma nova sociedade, a qual sobreviveu graças a isso e outras coisas mais. Comecei a me organizar em ONGs e na política local. Aprendi que poderia cultivar amor cada vez mais me abrindo aos outros e diferentes, que poderia ceder lugar, que poderia ser mais generoso e dar mais, que poderia ter respeito profundo pelos seres humanos e não-humanos; que poderia usar bem menos drogas químicas; que poderia sofrer sem culpa e sentir dor pois sou um ser humano como qualquer outro. Aprendi que poderia andar mais a pé, respirar melhor, ajudar os necessitados, dar de meu tempo a minha filha e às pessoas e não só ao meu trabalho formal; aprendi a duvidar de tudo, tudo mesmo, e a me sentir de dentro para fora, e ser senhor das minhas escolhas. Aprendi a pedir desculpas e dizer que também sou fraco, mas cada vez mais ser sincero e dizer o que penso.

Um grande ensinamento para mim foi que, apesar de ir me encaminhando para a raiz das coisas, vi que seria uma grande ilusão me considerar um milímetro que seja a mais ou melhor que os outros. Todos temos o mesmo valor, apesar das diferenças, todos temos e somos deuses dentro da gente; todos temos o diamante que é nossa **mente-coração**. E apesar disso, somos muito diferentes. Viva a diversidade! Viva o amor. É ele no fundo que a tudo dissolve e ao mesmo tempo nos mantém e motiva...”

Referências

- BACON, F. Nova Atlântida. São Paulo: Abril (Col. Os Pensadores).
- _____. 2001..New Atlantis. New York: Bartlebi Com.
- GADAMER, H.G. 1998. Verdade e método. RJ: Vozes,
- HUXLEY, A. 2000. Admirável mundo novo. São Paulo: Globo.
- JONAS, Hans. 1995. El Principio responsabilidad. Barcelona: Herder.
- MACY, J. & BROWN, M. 2004. Nossa vida como gaia. SP: Gaia.
- MARTINS, P. H. 2003. Contra a desumanização da medicina. Petrópolis: Vozes.
- MORIN, E. & LE MOIGNE, J.-L. 2000.. A inteligência da complexidade. São Paulo: Peirópolis.
- PELIZZOLI, M.L. 1999. A emergência do paradigma ecológico. Petrópolis: Vozes.
- _____. 2002. Levinas: a reconstrução da subjetividade. Porto Alegre: EDIPUCRS.
- _____. 2003. Correntes da ética ambiental. Petrópolis: Vozes.
- _____(Org.). 2007. Bioética como novo paradigma. Petrópolis: Vozes.
- POTTER, V.R. 1988. Global Bioethics. East Lansing: Michigan State University Press.
- SERVAN-SCHREIBER, D. 2004. Curar. São Paulo: Sá Editora.
- TENNER, E. 1997. A vingança da tecnologia. São Paulo: Ed. Campus.
- VARELA, F. 1992. Sobre a competência ética. Lisboa: Edições 70.
- VICKERS, B. (ed.). 1996. Francis Bacon. New York: Oxford University Press.

No **cinema**, pode-se ver:

Metrópolis, de Fritz Lang (1927)

La jetée, de Chris Marker (1962)

Fahrenheit 451, de François Truffaut (1966) (baseada em novela homônima)

Laranja mecânica (*A Clockwork Orange*), de Stanley Kubrick (1971) (baseada na novela homônima)

Naves misteriosas (*Silent Running*), de Douglas Trumbull (1972)

Soylent Green, de Richard Fleischer (1973)

Zardoz, de John Boorman (1974).

Mad Max, de George Miller (1979).

Blade Runner, de Ridley Scott (1982) (baseada em *Sonham os andróides com ovelhas elétricas?*)

1984 (*Nineteen Eighty-Four*), de Michael Radford (1984).

Brazil, de Terry Gilliam (1985)

Os doze macacos (*Twelve Monkeys*), de Terry Gilliam (1995) (baseada em *La jetée*)

Ghost in the Shell, de Mamoru Oshii (1996)

Gattaca, de Andrew Niccol (1997)

Dark City, de Alex Proyas (1998).

13. andar (*The Thirteenth Floor*) de Josef Rusnak (1999).

The Matrix, dos irmãos Wachowski (1999)

Equilibrium, dirigida por Kurt Wimmer (2002)

FAQ: Frequently Asked Questions, dirigida por Carlos Atanes (2004)

V de Vendetta (V de Vingança), de James McTeigue (2006).

2001: Odisséia espacial - Arthur C. Clarke